



Natália Lampert Batista
(Organizadora)

GEOGRAFIA: DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Natália Lampert Batista

(Organizadora)

Geografia: Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
G345	Geografia [recurso eletrônico] : desenvolvimento científico e tecnológico / Organizadora Natália Lampert Batista. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-489-4 DOI 10.22533/at.ed.894191807 1. Geografia – Pesquisa – Brasil. I. Batista, Natália Lampert. CDD 910.03
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Geografia é uma ciência eclética e versátil. Ela permeia diferentes campos do saber e se constitui de um objeto de estudo dinâmico e híbrido: o espaço geográfico. Para entender o espaço geográfico é necessário compreender as interfaces humanas, sociais, físicas, ambientais e políticas desta área do conhecimento, bem como se dedicar ao entendimento do seu ensino em sala de aula. O objeto de análise da Geografia é fluído e dialético e, portanto, é preciso constantemente (re)pensar seus focos de investigação e difundir novos saberes sobre essa relevante área do conhecimento.

Assim, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” desponta neste cenário para contribuir, mesmo que momentaneamente, com o estado da arte da ciência geográfica, trazendo relevantes pesquisas sobre diferentes enfoques geográficos. Os primeiros capítulos do livro se vinculam, preponderantemente, com o lado humano, político e social desta ciência. Na sequência, encontram-se as temáticas mais voltadas a Geografia Física. Por fim, destacam-se os textos atrelados ao ensino de Geografia, a Educação Geográfica e a necessidade de uma educação crítica no que tange a busca por um processo de ensino-aprendizagem significativo e emancipatório.

No capítulo “Agroecologia e agricultura familiar: um caminho para o desenvolvimento rural sustentável”, Aldeane Machado Dias e Ana Carolina Silva dos Anjos discutem como a agroecologia no Brasil vem se mostrando como um caminho para transformar o rural contemporâneo. Em “Camponês e Agricultor Familiar: mesmos sujeitos?”, Rosaly Stange Azevedo e André Filipe Pereira Reid dos Santos apresentam os pontos centrais dos paradigmas sobre os quais se desenvolve o debate sobre a complexidade da questão agrária na atualidade.

Andressa Garcia Fontana, Alessandro Carvalho Miola, Ricardo Vieira da Silva e Vitor Hugo de Almeida Junior também enfocam o rural no capítulo “Análise dos condicionantes de distribuição espacial de produtores de frutas, legumes e verduras na região central do Rio Grande do Sul”, cujo objetivo foi analisar os fatores condicionantes para a distribuição de produtores de frutas, legumes e verduras a partir de uma abordagem de análise geoespacial. Já Evandro André Félix, Valéria do Ó Loiola e Célia Alves de Souza apontam que os processos de mercantilização da água se configuram por meio do estabelecimento de controle e posse dos recursos hídricos, seguido de sua valoração e comercialização por meio do capítulo “Mercantilização da água e Agronegócio, conceitos e perspectiva de inserção na bacia hidrográfica do Rio Cabaçal/MT: aspetos atuais e tendências na dinâmica socioespacial e hidrológica”.

No capítulo “O trabalho dos haitianos na agroindústria de Cascavel/PR”, Lineker Alan Gabriel Nunes e Ideni Terezinha Antonello visam investigar a inserção dos imigrantes haitianos no município de Cascavel/PR a partir da perspectiva das suas condições de trabalho. Já Adelange dos Santos Costa debate “A Reforma Trabalhista Brasileira, Neoliberalismo versus Direitos do Trabalhador”, refletindo criticamente sobre a Reforma Trabalhista Brasileira aprovada no ano de 2017.

Na sequência, Gil Carlos Silveira Porto traz “Notas sobre o planejamento urbano e regional” evidenciando algumas dimensões desse tema no Brasil. Paula Pontes Caixeta e Idelvone Mendes Ferreira, em “Complexidade entre paisagem e território no município de Catalão (GO): análise contextual”, trazem uma contextualização entre a paisagem e o território a partir da análise da legislação ambiental vigente no Plano Diretor de Catalão (GO), através de revisão teórico-conceitual. Beatriz da Silva Souza apresenta o capítulo “Perspectivas entre Geografia e Literatura: o lugar na obra ‘Casa de Pensão’ de Aluísio Azevedo” que estabelece o diálogo entre a Geografia e a Literatura com abordagens fenomenológicas e de cunho humanístico.

Sob a perspectiva da Geografia Física, Douglas Cristino Leal debate “A importância do radar meteorológico na previsão de desastres naturais”. Ademais o artigo conta com uma análise episódica que elucida uma situação de instabilidade atmosférica severa. Rubia Cristina da Silva e João Donizete Lima realizam o “Mapeamento da fragilidade ambiental na bacia hidrográfica do Rio Dourados (MG)”, destacando que a bacia possui risco forte de susceptibilidade a erosão, onde o mapeamento realizado é eficaz para a compreensão da fragilidade ambiental na medida em que considera as características topográficas e naturais como também a influência antrópica no meio ambiente. Karolina Gameiro Cota Dias e Carla Maciel Salgado apresentam “Exercícios práticos para o estudo de processos geomorfológicos” resultantes da disciplina de Geomorfologia Continental, inserida no Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O capítulo “A formação continuada do professor de Geografia versus semana pedagógica: um processo consistente?”, de Francisco das Chagas Nascimento Ferreira, teve como objetivo a realização de uma breve revisão bibliográfica acerca da formação continuada de professores, relacionada ao contexto das semanas pedagógicas, em especial, a formação do professor de Geografia do Ensino Fundamental II. José Marcelo Soares de Oliveira, Livana Sousa Guimarães, Maria Raiane de Mesquita Gomes, Ernane Cortez Lima e José Falcão Sobrinho, no capítulo “Água para quem? Entendendo a geografia política da água”, buscam abordar o tratamento que é dado às práticas de economia de água, que visam uma melhor convivência no ambiente semiárido, desenvolvendo oficinas com alunos do Ensino Médio no município de Sobral/CE. Já Edson José do Nascimento e Adriana Castreghini de Freitas Pereira debatem a relação entre o espaço vivido dos alunos com o livro didático em “O livro didático e os conteúdos sobre a cidade no 7º ano em uso nas salas de aulas no município de Ibiporã/PR”.

No capítulo “O uso de games e filmes no ensino de Geografia: um estudo de caso com alunos do 3º ano do Ensino Médio”, David Augusto Santos e Eduardo Donizeti Giroto relatam o desenvolvimento de práticas com vistas a interpretações de filmes e jogos a partir de conceitos geográficos como território, espaço, lugar, escala. Nesta mesma linha inovadora e lúdica do ensino de Geografia, Jaqueline Daniela da Rosa discute “Os multiletramentos no estudo do município em Geografia: uma

prática interdisciplinar utilizando fotografia e escrita” que resultou na elaboração de um produto pedagógico para o ensino da Geografia com crianças, voltado principalmente ao letramento visual e digital e leitura e escrita.

Iapony Rodrigues Galvão, Dênis Vitor Batista de Brito, Jéssica Adriana de Oliveira Macedo, Mônica Gabriela Dantas de Medeiros e Wesley Anderson Pereira da Silva, no capítulo “Reflexões sobre a distribuição espacial do docente de Geografia capacitado para o ensino de libras em Carnaúba dos Dantas/RN, Jardim do Seridó/RN e Caicó/RN” buscaram compreender a distribuição de docentes de Geografia que possuem capacitação para traduzir o conhecimento geográfico para alunos surdos ou deficientes auditivos. Por fim, Maria Heloiza Bezerra da Silva debate “O ensino da matemática na educação de jovens e adultos trabalhadores rurais: a (im)possível aprendizagem para uma emancipação social crítica”. Esse capítulo tem origem nas discussões sobre Educação e Trabalho e sobre Educação Crítica associadas à busca de uma aprendizagem crítica, significativa e emancipatória.

Portanto, o livro “Geografia: desenvolvimento científico e tecnológico” apresenta diferentes perspectivas sobre o conhecimento geográfico e suas diferentes áreas de abrangência, isto é, a análise e discussão sobre o espaço geográfico, as paisagens, os lugares, as regiões e os territórios que constituem o objeto da Geografia. Essa diversidade de temáticas demonstra a versatilidade da abordagem geográfica e reúne uma série de pesquisas de qualificados profissionais da área e de ciências afins, levando-nos a (re)pensar atualidade da abordagem da Geografia na contemporaneidade.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Natália Lampert Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGROECOLOGIA E AGRICULTURA FAMILIAR: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	
Aldeane Machado Dias Ana Carolina Silva Dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918071	
CAPÍTULO 2	8
CAMPONÊS E AGRICULTOR FAMILIAR: MESMOS SUJEITOS?	
Rosaly Stange Azevedo André Filipe Pereira Reid dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8941918072	
CAPÍTULO 3	22
ANÁLISE DOS CONDICIONANTES DE DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DE PRODUTORES DE FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Andressa Garcia Fontana Alessandro Carvalho Miola Ricardo Vieira da Silva Vitor Hugo de Almeida Junior	
DOI 10.22533/at.ed.8941918073	
CAPÍTULO 4	41
MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA E AGRONEGÓCIO, CONCEITOS E PERSPECTIVA DE INSERÇÃO NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CABAÇAL/MT: ASPETOS ATUAIS E TENDÊNCIAS NA DINÂMICA SOCIOESPACIAL E HIDROLÓGICA	
Evandro André Félix Valéria do Ó Loiola Célia Alves de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918074	
CAPÍTULO 5	54
O TRABALHO DOS HAITIANOS NA AGROINDÚSTRIA DE CASCAVEL/PR	
Lineker Alan Gabriel Nunes Ideni Terezinha Antonello	
DOI 10.22533/at.ed.8941918075	
CAPÍTULO 6	65
A REFORMA TRABALHISTA BRASILEIRA, NEOLIBERALISMO X DIREITOS DO TRABALHADOR	
Adelange Dos Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8941918076	
CAPÍTULO 7	74
NOTAS SOBRE O PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Gil Carlos Silveira Porto	
DOI 10.22533/at.ed.8941918077	

CAPÍTULO 8	78
COMPLEXIDADE ENTRE PAISAGEM E TERRITÓRIO NO MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): ANÁLISE CONTEXTUAL	
Paula Pontes Caixeta Idelvone Mendes Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8941918078	
CAPÍTULO 9	91
PERSPECTIVAS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: O LUGAR NA OBRA “CASA DE PENSÃO” DE ALUÍSIO AZEVEDO	
Beatriz da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8941918079	
CAPÍTULO 10	102
A IMPORTÂNCIA DO RADAR METEOROLÓGICO NA PREVISÃO DE DESASTRES NATURAIS	
Douglas Cristino Leal	
DOI 10.22533/at.ed.89419180710	
CAPÍTULO 11	114
MAPEAMENTO DA FRAGILIDADE AMBIENTAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO DOURADOS (MG)	
Rubia Cristina da Silva João Donizete Lima	
DOI 10.22533/at.ed.89419180711	
CAPÍTULO 12	129
EXERCÍCIOS PRÁTICOS PARA O ESTUDO DE PROCESSOS GEOMORFOLÓGICOS	
Karolina Gameiro Cota Dias Carla Maciel Salgado	
DOI 10.22533/at.ed.89419180712	
CAPÍTULO 13	135
A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA X SEMANA PEDAGÓGICA: UM PROCESSO CONSISTENTE?	
Francisco das Chagas Nascimento Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180713	
CAPÍTULO 14	144
ÁGUA PARA QUEM? ENTENDENDO A GEOGRAFIA POLÍTICA DA ÁGUA	
José Marcelo Soares de Oliveira Livana Sousa Guimarães Maria Raiane de Mesquita Gomes Ernane Cortez Lima José Falcão Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.89419180714	

CAPÍTULO 15	154
O LIVRO DIDÁTICO E OS CONTEÚDOS SOBRE A CIDADE NO 7º ANO EM USO NAS SALAS DE AULAS NO MUNICÍPIO DE IBIPORÃ/PR	
Edson José do Nascimento Adriana Castreghini de Freitas Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.89419180715	
CAPÍTULO 16	164
O USO DE GAMES E FILMES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO	
David Augusto Santos Eduardo Donizeti Giroto	
DOI 10.22533/at.ed.89419180716	
CAPÍTULO 17	175
OS MULTILETRAMENTOS NO ESTUDO DO MUNICÍPIO EM GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR UTILIZANDO FOTOGRAFIA E ESCRITA	
Jaqueline Daniela da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.89419180717	
CAPÍTULO 18	186
REFLEXÕES SOBRE A DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO DOCENTE DE GEOGRAFIA CAPACITADO PARA O ENSINO DE LIBRAS EM CÂRNAÚBA DOS DANTAS/RN, JARDIM DO SERIDÓ/RN E CAICÓ/RN	
Iapony Rodrigues Galvão Dênis Vitor Batista de Brito Jéssica Adriana de Oliveira Macedo Mônica Gabriela Dantas de Medeiros Wesley Anderson Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180718	
CAPÍTULO 19	194
O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES RURAIS: A (IM) POSSIVEL APRENDIZAGEM PARA UMA EMANCIPAÇÃO SOCIAL CRÍTICA	
Maria Heloiza Bezerra Da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89419180719	
CAPÍTULO 20	201
CARACTERIZAÇÃO PRELIMINAR SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO NA CIDADE DE SENHOR DO BÔNFIGO – BA: UM OLHAR GEOGRÁFICO	
Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega Lucas dos Santos Silva Valéria Cunha Rodrigues Érica Saane Miranda Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89419180720	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

O LIVRO DIDÁTICO E OS CONTEÚDOS SOBRE A CIDADE NO 7º ANO EM USO NAS SALAS DE AULAS NO MUNICÍPIO DE IBIPORÃ/PR

Edson José do Nascimento

Universidade Estadual de Londrina/PR

Adriana Castreghini de Freitas Pereira

Universidade Estadual de Londrina/PR

RESUMO: A necessidade de tornar o ensino mais interessante, mais atrativo, faz buscar no livro didático uma forma de “encaixar” o local de vivência do aluno, a pequena cidade, dentro do conteúdo escolar. Faz-se uso de uma metodologia que trabalhe os conceitos geográficos, como lugar, considerando o espaço da pequena cidade como objeto de estudo em sala de aulas e aulas práticas de campo, para que o aluno passe a valorizar seu local de origem.

Para tanto, foram analisados os livros didáticos, Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19) da Editora Saraiva e Expedições Geográficas (2017/18/19) da Editora Moderna, na temática cidade, com o objetivo de buscar uma forma de inserir o local de vivência do aluno nos conteúdos escolares.

Para tanto, buscou-se além da análise dos livros didáticos em questão, fazer uma pesquisa bibliográfica com autores como Francischett (2010), Schäffer (2003), Pontuschka (2009), Endlich (2006), Souza (2003), Damiani (2006), entre outros, para embasar essa pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Pequena cidade.

Análise.

THE DIDATIC BOOK IN 7TH GRADE AND ITS CONTENTS ABOUT THE CITY, USED ON CLASSROOMS AT THE CITY OF IBIPORÃ/PR

ABSTRACT: The need to make teaching more interesting, more attractive, does a research in the didactic book to make ‘fit’ the student place of living, the small city, inside school content. To use a methodology that Works geographic contents, as place, considering the space of small city as classroom study goal and field work, so that the student can value his origin place.

As so, the didactic book Geografia Espaço e Vivência (2017/2018) of Editora Saraiva and Expedições Geográficas (2017/2018) of Editora Moderna were analyzed, on city theme, with the goal of research how to insert the living place of the student on the school contents.

Therefore, it was looked besides to analyze the didactic books on the matter, to make a bibliographic research with authors such as Francischett (2010), Schäffer (2003), Pontuschka (2009), Endlich (2006), Souza (2003), Damiani (2006), among other in the search to base this research.

KEYWORDS: Teaching. Small City. Analyze.

INTRODUÇÃO

Muitos professores fazem uso do livro didático em salas de aulas, embora não deve ser a única fonte de informação do professor, já que este é atualizado apenas a cada três anos, é significativo dizer que o:

Livro Didático é uma expressão composta por um substantivo e um adjetivo, relacionado ao campo da educação acadêmica formal. Enquanto o substantivo livro contém a essência do vocabulário “livro didático”, definindo os próprios fazeres pedagógicos necessários a essa prática educativa, o adjetivo didático anuncia o contexto dessa prática como educativa, ou seja, o enquadramento motivador dessa ação pedagógica. (FRANCISCHETT, 2010, p. 03).

A partir do uso do livro didático, o professor, ao planejar suas aulas, pode buscar materiais de apoio para enriquecê-las, e também informações necessárias ao seu dia a dia, para complementar as atividades apresentadas no livro didático. É notório que fatos novos surgem a todo tempo, então há a necessidade do professor de Geografia atualizar-se sobre os novos fatos e acontecimentos, buscar informações na internet ou mesmo de outros autores que se encaixe na metodologia, o professor precisa estar atento a:

Os sistemas de ensino e as escolas adotarão como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas os seguintes princípios:

Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito e discriminação.

Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; de busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; de exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; de redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais. (BRASIL, 2013, p. 107/08).

Portanto, além de ensinar os alunos a ler e escrever, também é necessário que estes se tornem cidadãos, e que tenham conhecimentos de seus direitos e deveres, para que possam ocupar seu lugar na sociedade.

O livro didático é distribuído gratuitamente e traz os conteúdos a serem abordados em sala de aula, pois no livro estão os conteúdos orientados de acordo com o Caderno de Expectativas de Aprendizagens do Paraná (2012), para escolas públicas do Paraná, que é orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Orientando sobre a escolha do livro didático, é preciso lembrar que o mesmo, “deve atender aos objetivos estabelecidos pelo professor em seu plano de trabalho, e conseqüentemente as características do grupo de alunos a qual se destina”. (SCHÄFFER 2003, p.144). Portanto a escolha do livro deve ser feita de forma pensada, alinhada a um planejamento que vai permitir ao professor, fazer uso

deste material didático e ainda ter possibilidade de uso de outras fontes que lhes seja interessante de acordo com seu conhecimento e uso apropriado.

No caso do uso ou não do livro didático:

Embora haja professores que não façam uso de livros didáticos, as razões para esse procedimento são muito variadas. Há um grupo de professores, com boa formação e grande compromisso com os alunos, capaz de fazer projetos individuais ou interdisciplinares em suas escolas, usando textos de variados livros didáticos ou não, filmes e saídas a campo, não se limitando à apenas uma produção didática. (PONTUSCHKA, 2009, p.340).

Cabe ao Professor, a decisão de fazer uso do livro didático, o importante é que mantenha a qualidade dos conteúdos que vai fazer uso, sendo que não pode haver prejuízo aos alunos. E quanto às cidades e preciso saber que os livros didáticos falam das cidades, mas sem considerar o espaço de vivência do aluno.

A CIDADE E O LIVRO DIDÁTICO

A partir dos conteúdos de Geografia abordado no livro didático, para inserir o local de vivência dos alunos nessa disciplina, ou seja, a pequena cidade, tem-se que as diferenças em relação às cidades são muitas e até mesmo o questionamento se estas são ou não cidades, devido ao quociente populacional e até mesmo por suas características podem ser entendidas:

Assim, além do questionamento se são ou não cidades as pequenas aglomerações, interrogações da mesma natureza podem ser feitas quanto às imensas periferias, em geral parte não formal das grandes cidades; os condomínios fechados e o encerramento que eles representam em relação à diversidade social que deveria caracterizar a vida urbana e os loteamentos urbanos dispersos nos entorno metropolitanos. Portanto, são várias as manifestações contraditórias do urbano, sendo as pequenas cidades parte do mesmo processo. Esse questionamento pode ser compreendido pela adoção, ainda que involuntária, de um parâmetro ideal de cidade, que não alcança as expressões concretas do processo. A manutenção do pensamento utópico é outra fonte de indagações sobre as formas e condições humanas da urbanização. (ENDLICH, 2006. p. 86).

Portanto, definir cidades é um assunto complexo, uma vez que as definições, mesmo do IBGE (2010), que avalia pelo contingente populacional, igualando cidades que são totalmente diferentes, uma vez que a importância das mesmas se dá muito mais pela localização, pelo tipo de serviço que oferece ou ainda pela produção que a mesma possui adquirindo assim uma importância econômica e/ou política dependendo inclusive da sua posição geográfica:

Além do mais, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e, onde esses bens são comercializados e consumidos, e onde as pessoas trabalham: uma cidade é um local onde pessoas se organizam e se interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade e de

interesse, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na identificação entre certos recursos cobiçados e o espaço, ou na base de identidades territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar (SOUZA, 2003, p. 28).

De acordo com Souza (2003), o fato das cidades abrigarem pessoas e ao considerar que as pessoas são diferentes e, portanto têm interesses diferentes, as cidades também não podem ser iguais, pois isto implicaria em ter pessoas iguais com os mesmos interesses, quando Fresca (2009), alerta para o fato de igualar cidades com o mesmo número populacional, sem considerar a especificidade delas, desconsiderando suas inserções em cada núcleo. Isto leva a ter uma falsa idéia a respeito de um assunto que é complexo.

Os pequenos centros urbanos não são iguais entre si, pois possuem conteúdos diferentes que em alguns casos geram relações hierárquicas entre eles. Cidades com atividades comerciais e equipamentos de serviços públicos e privados um pouco mais diversificados funcionam como pólos microrregionais. Ainda que estas atividades não estejam diretamente vinculadas ao patamar demográfico, observou-se que, de maneira geral, as pequenas cidades com centralidade maior são aquelas que possuem esse patamar mais ou menos definido entre vinte mil e cinquenta mil habitantes (DAMIANI, 2006, p.52).

Analisando o livro didático para os conteúdos de Geografia nas escolas públicas de Ibiporã/PR, em relação às cidades, observamos que no livro didático I, Expedições Geográficas (2017/18/19) da Editora Moderna, a Unidade 3, apresenta o tema Brasil: da sociedade agrária para o urbano industrial.

Portanto a Unidade III do livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19, p.76), traz um questionando sobre o que é urbanização? Onde define a urbanização como a aglomeração de pessoas na cidade, e que as taxas de urbanização são diferentes, uma vez que o espaço geográfico é ocupado de forma diferente, e que isto pode ser percebido de acordo com as regiões do Brasil, e ainda as cidades também apresentam um ritmo de crescimento diferente (p. 76), é preciso entender que:

O estudo das cidades está atrelado à posição do professor em relação à sua disciplina, o que inclui seus conhecimentos e seus compromissos frente ao trabalho. Ao assumir a regência de uma classe, e para dar conta daquela pergunta, acredita-se que, no mínimo o professor possua domínio da área de estudos, o que lhe permitira transitar pelos conteúdos sobre a cidade, presente em diversas publicações, trabalhando-os a partir de objetivos anteriormente definidos. (SCHAFFER, 2003, p.114).

O livro didático I destaca: “Brasil: urbanização tardia, mas acelerada” (EXPEDIÇÕES GEOGRÁFICAS 2017/18/19, p. 77), onde trata das principais causas da urbanização brasileira, fazendo um relato desde a época do Brasil Colônia, como foi o início da urbanização e a criação de algumas cidades, principalmente no litoral. A partir do período Imperial com o início da agricultura, algumas regiões, como o Vale do Paraíba Fluminense, onde a cultura do café exigia muita mão de obra, teve

um processo mais acelerado de urbanização para o período. No início do período Republicano, a população urbana não passava de 10%, de acordo com o livro didático e a partir desse período, o livro trata do início das cidades. (p. 77/80). Ao tratar do tema cidade, o livro didático I Expedições Geográficas destaca as cidades brasileiras que são patrimônios da humanidade, apresenta os critérios que faz uma cidade ser considerada patrimônio e o que representa isto para a sociedade, pois quando se diz que uma cidade faz parte do patrimônio da humanidade, esta será preservada para que outras gerações possam conhecer como eram os costumes e a cultura da época que se preservou esta cidade/monumento, que tipo de arquitetura era utilizado em períodos diferentes da atualidade (p.81).

O livro didático I Expedições Geográficas traz: Rede, hierarquia e problemas urbanos, destaca a rede urbana, as cidades como de vital importância para a sociedade, uma vez que a partir da aglomeração de pessoas por meio de um núcleo, passou a ter um grande desenvolvimento. A cidade se tornou ponto de apoio para todos, como um centro de serviço para os que nela moram ou dependem, o espaço onde o produtor rural compra o que precisa para manter sua produção, faz financiamentos em bancos públicos ou privados, além disso, a cidade se tornou um lugar de lazer, de compras, e de desenvolvimento social. E que as cidades são diferentes umas das outras, onde algumas tem função definidas como as portuárias, turísticas, etc...enquanto outras possuem rede de serviços complexas, como as grandes cidades (p. 80). Porém “[...] a cidade é um lugar privilegiado do consumo – consumo de massa, consumo coletivo, individual, de elite. É um lugar em que se concentram todas essas práticas” (CAVALCANTI 2005, p. 97).

Quanto à hierarquia, o livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19, p. 86), apresenta as formas como as cidades são reconhecidas, considerando desde sua população, a maneira como influencia uma região ou, até mesmo outras regiões, dependendo do tamanho da cidade, um país inteiro (83).

Em numerosos casos os organismos urbanos são indiferenciados uns em direção aos outros, e cidades cuja população varia do simples ao duplo, ou ainda mais, podem desempenhar exatamente as mesmas funções: existira nesse caso, rede hierárquica ou, simplesmente, dispersão urbana. (SANTOS 2012, p. 169).

A partir do desenvolvimento e da transferência de parte da população rural para as cidades, essas aumentaram seus contingentes, o que ocasionou em alguns casos, um processo chamado de conurbação. Ou seja, a união de cidades que se juntam em função do crescimento de ambas, o que não as tornam metrópole, embora dependendo do tamanho dessa conurbação, estas podem se tornar uma região metropolitana, como a Grande São Paulo, que possuem mais ou menos 10% da população brasileira, e se tornou uma referência em região metropolitana mundial. As regiões metropolitanas, hoje, são criadas para que certas regiões consigam vantagem política e até mesmo social, uma vez que estas podem atrair investimentos de empresas e até dos governos

federais ou estaduais, mas no estudo das cidades, (p.84/85):

Há, assim, diferenças sensíveis no estudo da cidade, conforme a proposta que se disponha. Essas diferenças estão centradas tanto na concepção de cidade e de urbano, como no enfoque dado aos conteúdos selecionados para desenvolver a unidade temática em sala de aula e os procedimentos adotados. (SCHAFFER, 2003, p. 118).

Ainda, sobre as cidades, o livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), apresenta os movimentos sociais que surgem a todo tempo, principalmente nas grandes cidades, onde até pouco tempo, o que se viam eram protestos de sem tetos ou até mesmo de sem terras, reclamando de dignidade humana para suas famílias. Hoje, os protestos são diferenciados, inclusive por pessoas e associações de alto nível social e econômico, que reclamam por maus tratos a animais, crianças abandonadas, por problemas ambientais, problemas sonoros e mais recentes, exigindo o fim da corrupção e a punição dos políticos corruptos, além de serviços públicos de qualidade, como transporte, saúde e educação. (p.87).

O livro didático I Expedições Geográficas (2017/18/19), apresenta ainda as transformações ocorridas no Brasil com a crescente industrialização, que ocasionou um grande desenvolvimento urbano e social. Criou problemas como a poluição, uma crescente onda de violência, falta de moradia digna, transportes públicos insuficientes ou até a falta dos mesmos, desigualdade social que gera uma segregação, uma vez que nem todos têm acesso aos mesmos serviços públicos. (88/9).

O livro didático II, o apresenta o conteúdo: “A cidade no Brasil”. (GEOGRAFIA ESPAÇO E VIVÊNCIA, 2017/18/19, p.64).

Ao tratar das cidades no Brasil, o livro didático II, Geografia, Espaço e Vivência (2017/18/19), relata como ocorreu o processo de urbanização no Brasil a partir do fim do século XIX, o país que era totalmente agrário começa a se tornar urbano a partir de 1930. Porém a industrialização ocorreu de forma mais intensa no Sudeste do Brasil. o que fez com que muitos moradores do campo mudassem para as cidades nessas regiões, em busca de uma melhor condição de vida. Dessa maneira intensificou-se o processo de urbanização no Brasil, e como o país sempre teve uma forte agricultura, fez com que a dependência da agricultura continuasse. Como o Brasil é um país urbano, industrial e agrícola, onde tudo o que é produzido no país também é consumido no campo, e tudo o que se produz no campo, abastece as indústrias e alimenta as pessoas da cidade, criou-se uma relação campo/cidade muito intensa, inclusive muitas indústrias tem se instalado em cidades pequenas, produzindo praticamente para o mercado local, como as agroindústrias. (p.78/79). Quanto às cidades:

A cidade é um pólo indispensável ao comando técnico da produção, a cuja natureza se adapta, e é um lugar de residências de funcionários da administração pública e das empresas, mas também de pessoas que trabalham no campo e que, sendo agrícolas são também urbanas, isto é, urbanos residentes (SANTOS, 2005, p.91).

As cidades passam a fazer a integração com o campo, com isso embora o homem produza no campo, utiliza a cidade como moradia já que o campo hoje é praticamente área de produção.

Quando o processo de urbanização se intensificou, foram surgindo mais cidades, o que gerou um sistema de hierarquia, onde algumas cidades, pequenas, médias ou grandes passam a ter maior influência uma sobre outras, onde uma tem influência apenas regional, enquanto outras como as capitais passam a ter influência em todo o estado, já no caso de metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro influenciam até mesmo no exterior, e Santos (2013, p.142), ressalta que “[...] hoje cada cidade é diferente da outra, não importa o seu tamanho, pois entre as metrópoles também há diferenças” (SANTOS, 2013, p. 142). Existe ainda a união de algumas cidades em uma mesma região, geralmente vinculadas a uma grande cidade, o que se convencionou chamá-las de região metropolitana. As regiões metropolitanas são formadas a partir de cidades que são próximas, ou se aproximam a partir de uma expansão urbana, com isso passam a fazer de um grupo de cidades que recebem influência de um núcleo maior, e pelo seu processo de industrialização ou como crescimento urbano, fornecendo mão de obra para as outras cidades, acabam por sofrer um processo de crescimento urbano muito rápido.

Contudo a partir de um grande desenvolvimento no número de cidades, foi-se criando uma série de problemas, como falta de transporte público de qualidade, onde nas periferias os ônibus estão sempre lotados e a passagem é cara. Também a água encanada e o saneamento básico criam muitos problemas, como doenças oriundas desse descaso e prejudicam os moradores desses locais. A violência, talvez seja o pior desses problemas, uma vez que além de prejudicar a vida dos moradores das periferias, também afeta a cidade como um todo e com o intuito de se proteger, os moradores de maior poder aquisitivo, optam por morar em condomínio, fazer compras em *shopping centers*, aumentando a segregação, pois somente quem tem maior poder de compra tem acesso a esses meios, embora a “[...] a segregação urbana é um processo que tende a se tornar mais complexo nas grandes cidades, já que é resultante da maior amplitude da divisão sócio espacial do trabalho no capitalismo” (CAVALCANTI, 2008, p. 78). A falta de políticas públicas eficiente nas cidades permite que grupos ou mesmo pessoas ocupem certas áreas fazendo inclusive uso particular de áreas públicas, já que não se sentem ameaçadas ou não vêem o estado ocupando esses lugares, portanto cabe ao Professor transpor isso para a realidade do aluno. (p. 80/83).

De acordo com os conteúdos apresentados nos livros didáticos: Expedições Geográficas e Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19), em questão, existe uma ausência de temas locais, ligados ao cotidiano do aluno. A orientação de que a “[...] geografia é uma ciência social e ao estudá-la, é preciso considerar o aluno e a sociedade em que vive. Não pode ser uma coisa alheia, desligada da realidade”

(CALLAI, 2003, p. 58). Que os exemplos práticos devem ser considerados e o local de origem do aluno, por meio de mapas que mostrem a realidade local e também aulas práticas, para que o aluno possa sentir/entender como é a realidade de seu local de origem em relação às teorias tratadas em sala de aula.

Ao reconhecer essa ausência, e concordando com Callai (2003), espera-se que ao tratar de temas como relevo, trabalhe a realidade do seu município, mesmo que este tenha um relevo com pouca inclinação comparando-o com outras realidades, como no caso das pequenas cidades do Norte do Paraná, destacando as diferenças entre uma e outra região. No caso das paisagens, o Professor pode no caso de trabalhar o local de vivência do aluno, buscar nos centros comerciais, nos moradores antigos e na internet, imagens, fotos para que possa compará-las com a atualidade de sua cidade e assim demonstrar aos alunos como é possível relacionar conteúdos de seu local de origem e compará-los com outros locais, buscando trabalhar primeiro a realidade local do aluno para depois realidades distantes, uma vez que o entendimento se torna mais fácil quando estamos lidando com algo próximo de nossa realidade, e que pode ainda ser demonstrado com o uso de mapas, já que a Cartografia permite trabalhar de forma prática as teorias das salas de aulas. Ainda espera-se que o professor utilize em suas aulas, além do livro didático com os conteúdos gerais e globais, atividades por ele mesmo desenvolvidas, com uso de tecnologias como GPS, Webquest.

Como os temas locais e regionais não estão inseridos nos livros didáticos, Expedições Geográficas e Geografia Espaço e Vivência (2017/18/19), considerando os conteúdos para todo o país, abre-se uma lacuna, já que temos um país grande, com regiões distintas, onde o Norte e o Sul possuem diferenças consideráveis, desde o clima, a agricultura, a formação das cidades, o desenvolvimento social, as paisagens. No caso do Nordeste, a cultura distinta, com suas peculiaridades, como: a literatura de cordel retratando a vida do sertanejo, a agricultura de subsistência, o coronelismo, enquanto no Centro Oeste, cidades distantes, o agronegócio e a pecuária extensiva, têm uma realidade diferente em cada região/local do Brasil, e isto deve ser trabalhado no ensino, pois apresentar uma pequena cidade é uma forma de mostrar ao aluno que seu local tem importância, uma forma de incentivar o aluno a buscar em seu local de origem coisas que lhe chame a atenção e o faça dedicar mais aos estudos, onde “a educação tem sido um tema amplamente discutido em todos os níveis, inclusive em conjunto com questões políticas, econômicas e sociais atuais. Não há dúvidas de que mudanças são necessárias e, acima de tudo, urgentes”, (ALMEIDA, 2014, p. 126).

Quantas as mudanças, é necessário que o Professor seja o agente da mudança. Buscando em suas capacidades, inovar, alinhar os conteúdos apresentados no livro didático, e adaptá-los a realidade do local de vivência do aluno, fazendo uso de imagens de satélite, de mapas físicos, de maquetes, enfim das opções que possa demonstrar ao aluno, que o ensino precisa começar em seu local de origem, onde tem suas primeiras experiências para depois, ir além. O fato de trabalhar a realidade do aluno, adaptar os conteúdos ao seu dia a dia, pode criar nos alunos a expectativa

de se interessar mais pelos conteúdos. Também as tecnologias, podem ajudar, desde que haja um controle em seu uso, pois alguns aplicativos voltados a área do ensino trazem muito benefício aos alunos e professores, tanto *web quest*, *como google maps*, podem ser usados em sala de aula com ferramenta de ensino. Sempre buscando alinhar a realidade do aluno com os livros didáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar no livro didático a forma como é trabalhada a cidade, percebe-se que este traz um conteúdo de uso nacional, sem considerar as diferenças regionais. Se considerarmos o tamanho do Brasil, tem-se que cada região tem sua particularidade e estas precisam ser consideradas. No caso do Norte do Paraná, a formação das cidades foi em consequência da colonização dessa região, e também para o desenvolvimento de um mercado agrícola que se apresentava muito vantajoso, considerando o tipo de solo da região, e o grande desenvolvimento agrícola que estava sendo implantado ali.

Portanto, diferentemente de outras regiões, essa particularidade precisa ser acompanhada pelo Ensino, até porque, como essa região ainda é recente, existem muitos fundadores dessas cidades que ainda vivem nelas, e isto é um fato que precisa ser aproveitado pelo ensino e pelo aluno, como experiência prática que se pode trabalhar para entender como era o solo, as matas, e as dificuldades que se enfrentou para que essas cidades tivessem o desenvolvimento que tiveram. Portanto cabe ao professor de Geografia a partir do livro didático, buscar inserir em suas aulas, conteúdos que contemplem o espaço de vivência do aluno em sala de aula e no trabalho de campo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Regina Araújo de: A Cartografia tátil no ensino de Geografia: teoria e prática. In: **Cartografia Escolar**. Org: ALMEIDA, Rosângela Doin de. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica**. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CALLAI, Helena Copetti: O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise: **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Org: CASTROGIOVANNI Antonio Carlos; CALLAI Helena Copetti; SCHÄFFER Neiva Otero; KAERCHER André Nestor: 4^o ed. Porto Alegre. Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 2003.

CAVALCANTI; Lana de Souza: **Aprender sobre a cidade**: A geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011- Costa Rica II Semestre 2011 pp. 1-18. Disponível em > <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2900> < Acesso em 10 de abril de 2016.

CAVALCANTI, Lana de Souza: **A Geografia Escolar e a Cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas SP. Editora Papirus, 2010.

DAMIANI, Amélia Luisa. **Cidades médias e pequenas no processo de globalização. Apontamentos bibliográficos.** *En publicación: América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.* ISBN 978-987-1183-64-7 Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/08damiani.pdf>. 2006.

ENDLICH, Ângela Maria: **Pensando os Papéis e Significados das Pequenas Cidades do Noroeste do Paraná.** Presidente Prudente. 2006 (Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia). 2006.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi: **A cartografia no ensino de geografia:** abordagens metodológicas para o entendimento da representação. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

FRESCA, Tânia Maria: Redefinição dos papéis das pequenas cidades na rede urbana do norte do Paraná. Org: ENDLICH Ângela Maria; ROCHA Marcio Mendes: **Pequenas cidades e Desenvolvimento local.** Maringá. PGE, 2009.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei; **Para ensinar e aprender Geografia.** 3º Ed. São Paulo. Editora Cortez, 2009.

SANTOS, Milton: **Manual de Geografia urbana.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton: **A Cidade nos países subdesenvolvidos** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira S/A, 1965.

SCHÄFFER, Neiva Otero: A cidade nas aulas de Geografia. In: **Geografia em sala de aulas:** práticas e reflexões. Org: CASTROGIOVANNI et al. Porto Alegre, Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2003.

SCHÄFFER; Neiva Otero: **A cidade nas aulas de Geografia;** in: Geografia em sala de aula. Org: CASTROGIOVANNI; Antonio Carlos; CALLAI Helena Copeti; SCHAFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. 4º edição Porto Alegre, Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – seção Porto Alegre. 2003.

SEED/PR, Departamento de Educação Básica: **CADERNO DE EXPECTATIVAS DE APRENDIZAGEM.** 2012. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/caderno_expectativas.pdf < acesso em 11 de out. de 2016.

SOUZA, Marcelo Lopes de: **ABC do Desenvolvimento Urbano.** Rio de Janeiro. Editora Bertrand. 2003.

SOBRE A ORGANIZADORA

Natália Lampert Batista: Graduada em Geografia (Licenciatura) pelo Centro Universitário Franciscano (2013). Mestre e Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2015 e 2019 respectivamente). Atualmente é Professora de Geografia (Anos Finais) na Prefeitura Municipal de Santa Maria (PMSM) e Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto Geografia - UFSM. Tem interesse nas áreas de pesquisa de Ensino de Geografia; Cartografia Escolar; Educação Ambiental; Geotecnologias e Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) na Educação; Multiletramentos, Multimodalidade e Contemporaneidade; Formação de Professores; Educação Popular; Cartografia Geral e Temática; Geografia Urbana; Geografia Agrária; e Geografia Cultural.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar 8, 20
agroecologia 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 21
Água 6, 118, 125, 144, 145, 148, 149, 150, 151, 153

C

Campesinato 8, 16, 20, 21
Capitalismo 8, 10, 11, 12, 13, 15, 20, 65

D

desenvolvimento sustentável 1
Dinâmica Socioeconômica 201

E

Educação 5, 7, 84, 142, 143, 146, 148, 149, 152, 153, 155, 162, 163, 165, 176, 178, 188, 189, 193, 194, 197, 199, 200, 215
Emancipação 194, 200
Envelhecimento Humano 201
Estado 17, 27, 30, 41, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 66, 67, 70, 72, 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 104, 106, 107, 109, 110, 113, 119, 127, 128, 130, 145, 146, 169, 197, 198, 199, 202

F

Fragilidade Ambiental 114, 115, 116, 119, 121, 126, 127, 128

G

Geografia 2, 5, 6, 7, 1, 19, 20, 25, 40, 41, 52, 54, 55, 63, 64, 73, 74, 78, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101, 102, 111, 114, 129, 130, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 189, 190, 192, 193, 201, 205, 207, 214, 215, 216, 217, 218
Geopolítica 145, 150, 151, 152, 164
Georreferenciamento 22
gestão urbana 74, 75

H

Haiti 54, 57, 58, 60, 68

L

Legislação Ambiental 78, 82

lugar 6, 3, 11, 13, 71, 76, 83, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 137, 154, 155, 158, 159, 164, 166, 174, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 189, 199, 205, 206, 207, 208

M

Migração 54, 63, 64

N

Neoliberalismo 5, 65, 72

P

planejamento urbano e regional 6, 74, 76

possibilidades 71, 74, 93, 95, 149, 197

Q

Questão agrária 8

R

Raciocínio Geográfico 164

Reforma Trabalhista 5, 65, 66, 67, 68, 69

Relação Produção-Consumo 22

Relação Rural-Urbano 22

Rio Dourados 6, 114, 115, 126, 127

S

Semiárido 144

T

Território 52, 78, 80, 88

Trabalhadores Rurais 19, 194

Trabalho 7, 54, 55, 59, 61, 63, 64, 65, 66, 69, 101, 194, 199, 200

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-489-4

